

DISCURSO DE EROS E PRÁTICA DE THÂNATOS: o esconderijo da dor e a Síndrome do Estoicismo Hercúleo.

Autoria: José Henrique de Faria, Tânia Maria Baibich-Faria, Dirceu Zorzetto Filho

Resumo

Em diversas ocasiões e situações, os pesquisadores se defrontaram com queixas e reclamações produzidas sob as mais diversas formas sobre a qualidade de vida ou, mais precisamente, sobre a saúde física e mental dos professores submetidos às exigências de desempenho, medido por indicadores de produtividade. O objetivo do presente estudo foi o de verificar quais fatores influenciavam as condições e a satisfação no e com o trabalho dos docentes de cursos de mestrado e doutorado em três universidades públicas do Paraná e como o faziam. Do ponto de vista das relações de trabalho, esta questão estava posta no paradoxo entre discurso e ação, como não poderia deixar de ser haja vista a inicial arbitrária. Mas, o que se evidenciou foi mais do que isto. A estrutura do problema estava também posta em termos de um confronto dialético no interior da ação, ou seja, entre ação e ação, enquanto unidade de contrários. O problema teórico, portanto, estava em encontrar a correta fundamentação para esclarecer esta dialética e em expor os resultados de maneira adequada. A pesquisa mostrou que seis fatores afetam a capacidade de trabalho e a satisfação com e no trabalho, sendo cinco em uma relação direta e um em uma relação inversa.

INTRODUÇÃO

Em diversas ocasiões e situações, os pesquisadores se defrontaram com queixas e reclamações sobre a qualidade de vida ou, mais precisamente, sobre a saúde física e mental dos professores submetidos às exigências de desempenho, medido por indicadores de produtividade. Tais queixas e reclamações são manifestas em entrevistas profissionais, debates, reuniões, seminários, documentos, depoimentos escritos e orais (HORTA, 2006), reportagens em jornais sindicais e artigos acadêmicos (BIANCHETTI e MACHADO, 2007). Parece haver uma percepção de que “os professores estão doentes”, de que têm experimentado um processo insidioso de sofrimento. Esta situação tende a ocorrer, de acordo com as indicações primárias, entre docentes vinculados a programas de mestrado e doutorado que necessitam cumprir requisitos de produção acadêmica segundo padrões exigidos pelas agências financiadoras, seja para manter, seja para melhorar os conceitos nas avaliações realizadas pelas comissões e comitês. Chamamos este processo de “Neurose da Produtividade Docente”.

Estas indicações iniciais referentes à captação imediata do real, de acordo com a perspectiva de Bachelard (2006, p. 17), atua ainda como um dado confuso, como uma captação provisória e convencional que necessita ser “inventariada” e “classificada”. É a reflexão sobre o objeto que dará sentido ao conhecimento inicial, pois não se pode confiar nas informações que os dados imediatos fornecem. No entanto, esta captação provisória é necessária, pois permite que o objeto “fale”, que se apresente, que não seja estranho ao pesquisador, de modo a evitar que este, ao se defrontar com aquele, só veja aquilo que idealmente concebeu e não o que o objeto tem a mostrar. A continuidade da relação entre o sujeito e o objeto de sua investigação promove o que Bachelard (2006, p. 17) chama de “seqüência orgânica”.

Neste sentido, foram arroladas todas as informações pertinentes ao tema e selecionaram o que era real ou potencialmente relevante. As informações assim filtradas foram discutidas, organizadas e sistematizadas e, posteriormente, confrontadas com a bibliografia sobre o tema, conforme descrito adiante. O que importa ressaltar aqui é que as fontes destas captações primárias sugeriram a hipótese de que, de fato, os docentes enquadrados na descrição apresentavam problemas de saúde física e mental (estavam

doentes), não se encontravam satisfeitos com sua vida e com o trabalho e que suas crenças não davam sentido às suas vidas e nem lhes ajudavam a enfrentar as dificuldades. Aparentemente, contudo, havia dúvidas sobre a veracidade desta hipótese em função de algumas inconsistências entre os discursos e as atitudes de alguns docentes. Tinha-se, então, a partir de um início arbitrário, um problema e, a partir dele, uma pesquisa.

No presente estudo, o objetivo foi o de verificar quais Elementos Constitutivos influenciavam as condições e a satisfação no e com o trabalho dos docentes pesquisados e como o faziam. Do ponto de vista das relações de trabalho, que é o tema que interessa investigar, esta questão estava posta no paradoxo entre discurso e ação, como não poderia deixar de ser haja vista a inicial arbitrária. Mas, o que se evidenciou foi mais do que isto. A estrutura da coisa (para usar a expressão de Kosik), estava também posta em termos de um confronto dialético no interior da ação, ou seja, entre ação e ação, enquanto unidade de contrários. O problema teórico, portanto, estava em encontrar a correta fundamentação para esclarecer esta dialética e em expor os resultados de maneira adequada. Seguiu-se, então, a orientação de Kosik (2007) no que se refere ao polo morfológico: explicitação do fenômeno, desenvolvimento, manifestações e complicações das antíteses. Com isto, a pesquisa mostrou que dos 22 Elementos Constitutivos, 6 deles afetam a capacidade de trabalho e a satisfação com e no trabalho, 5 em uma relação direta e 1 em uma relação inversa.

1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E DELIMITAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO.

A metodologia de investigação segue, desta maneira, a orientação explicitada por Kosik (2007), para quem não há investigação sem problema. O problema da pesquisa demanda a apropriação científica da matéria. “O conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar sua coerência interna, e com isto, o caráter específico da coisa. Neste processo, o secundário não é deixado de lado como irreal ou menos real, mas revela seu caráter fenomênico ou secundário mediante a demonstração de sua verdade na essência da coisa” (KOSIK, 2007. p. 18).

Nesta perspectiva, considerando a totalidade fenomênica e suas manifestações, foram identificados os diversos aspectos da *práxis* cotidiana manifesta pelos discursos dos sujeitos da ação, seja em sua oralidade, seja em seus registros. Muitas das questões levantadas na captação primária já faziam parte de um questionário utilizado pela Organização Mundial da Saúde – OMS para avaliar a Qualidade de Vida e Saúde Mental no Trabalho. Em tais casos, as perguntas foram utilizadas literalmente ou de forma adaptada à situação investigada. Outras questões exigiram perguntas específicas. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Conselho de Ética da IFES ao qual o Grupo de Pesquisa encontra-se vinculado.

Primeiramente, é importante descrever, ainda que de forma sucinta, o quadro geral da situação pesquisada. Foram entrevistados, no segundo semestre de 2007, 354 docentes de três Instituições Públicas de Ensino Superior no Estado do Paraná, a saber: Universidade Federal do Paraná – UFPR (19,2%), Universidade Estadual de Londrina – UEL (37,6%) e Universidade Estadual de Maringá – UEM (43,2%). Dos docentes pesquisados: (i) 52% são mulheres; (ii) 67,8% possuem entre 40 e 55 anos; (iii) 62,4% são casados e com filhos; (iv) 85,3% possuem moradia própria (67,8% deles possuem moradia quitada); (v) 91,8% utilizam o próprio veículo como meio de transporte para se deslocarem ao local de trabalho e (vi) 58,4 são Adjuntos. Os programas em que estes docentes atuam possuem o seguinte perfil: (i) 52% deles são somente de mestrado

(48%, naturalmente, de mestrado e doutorado); (ii) 70,3% possuem nota 3 (38,7%) e 4 na avaliação da CAPES; (iii) a distribuição por área é a mostrada na Tabela 01 a seguir.

Tabela 01: Distribuição dos Docentes Entrevistados por Área

Áreas	%
Ciências Exatas e da Terra	15,5
Ciências Biológicas	13,0
Ciências da Saúde	15,8
Ciências Agrárias	7,9
Ciências Humanas e Educação	28,2
Linguística, Letras e Artes	5,1
Engenharias	9,3
Ciências Sociais Aplicadas	5,1

Tomando por base os diversos aspectos da realidade da práxis fenomênica cotidiana, foram propostas, de início, 122 questões em questionário fechado, distribuídos a todos os professores que se enquadravam na população alvo, formada por docentes doutores permanentes dos programas. Os questionários foram devolvidos preenchidos, sem identificação do respondente, em envelopes lacrados. Não se trata, portanto de uma pesquisa por amostragem aleatória, pois os respondentes voluntariamente aceitaram colaborar com a pesquisa. A pesquisa partiu, portanto, de 122 indicadores. Em uma primeira análise, 11 destes indicadores foram descartados em função da quantidade não respondida nos questionários devolvidos e 18 foram descartados por irrelevância estatística.

A pesquisa permitiu identificar quatro (04) grandes Categorias de Análise: saúde física e mental; satisfação; trabalho; crença. Cada uma destas categorias foi composta por “elementos constitutivos” ou componentes conceituais, que são aqueles fenômenos ou fatos que em seu conjunto permitiram definir as categorias. Estes elementos constitutivos, por sua vez, encontram-se agrupados, para efeitos de análise, em fatores, que são tratados como indicadores. Metodologicamente, de acordo com Kosik (2007), pode-se afirmar que elementos constitutivos (componentes conceituais) e fatores compõem o conteúdo do objeto, a estrutura da coisa, a essência da coisa, enquanto as categorias de análise compõem o quadro fenomênico, a coisa em si.

No caso da presente pesquisa, são os elementos constitutivos fornecidos pelo real concreto que formam os componentes conceituais que permitem, a partir de uma avaliação e de uma interpretação de seus sentidos e significados, elaborar a representação deste real concreto como real pensado em forma de categorias. Não se trata, deste modo, de partir de conceitos *a priori* ou mesmo de categorias *a priori* e, tampouco, de conceitos e categorias *a posteriori*. Trata-se de, dando primazia ao real, estabelecer uma interação entre o real concreto e o real pensado, ou seja, de encontrar no plano do real concreto elementos constitutivos, apropriar-se deles como real pensado, categorizá-los e conceituá-los. Desta forma, as questões levantadas no questionário surgiram de queixas, comentários, avaliações, debates, seminários, documentos, depoimentos escritos e orais, reportagens jornalísticas, relatórios e trabalhos acadêmicos. Todas as informações pertinentes ao tema foram selecionadas, discutidas, organizadas e sistematizadas e, finalmente, relacionadas em um questionário estruturado em forma de escala de concordância, no caso, Escala Likert, que pareceu a

melhor opção para o caso. Foi utilizado como instrumento de tratamento dos dados o Statistical Package for Social Science – SPSS.

Quadro 01: Reliability Statistics

Categoria de Análise	Elementos Constitutivos ou Componentes Conceituais	Cronbach's Alpha	Número de Indicadores
Saúde Física e Mental	<i>Somatização da Depressão com Relação ao Sono</i>	,872	2
	<i>Concentração</i>	,546	2
	<i>Medicação e Qualidade de Vida</i>	,938	4
	<i>Dificuldades e Preocupações Materiais</i>	,746	3
	<i>Desconforto Físico</i>	,788	4
	<i>Desconforto Psicológico</i>	,858	6
	<i>Sentimentos Positivos</i>	,857	8
	<i>Relação Interpessoal, Apoio de Amigos e Familiares</i>	,709	5
	<i>Segurança e Condições Materiais</i>	,695	2
Satisfação	<i>Satisfação com a Qualidade de Vida</i>	,835	6
	<i>Satisfação com o Desempenho Pessoal e com as Atividades</i>	,807	4
	<i>Satisfação com as Relações Pessoais e com o Apoio Familiar</i>	,626	2
	<i>Satisfação com a saúde física e mental</i>	,841	5
	<i>Satisfação com a Vida Sexual</i>	,865	2
	<i>Satisfação com as Condições Materiais de Vida</i>	,814	8
Trabalho	<i>Disposição para o Trabalho: vontade e capacidade física</i>	,805	3
	<i>Prazer em Trabalhar</i>	,414	2
	<i>Acesso a Informação</i>	,535	2
	<i>Eficácia, Avaliação e Reestruturação das Relações de Trabalho</i>	,834	4
	<i>Capacidade e Satisfação no Trabalho</i>	,773	4
	<i>Reconhecimento pelo Trabalho</i>	,776	3
Crença	<i>Crenças e Sentido da Vida</i>	,899	4

* No constructo teórico final mais cinco indicadores foram rejeitados.

O SPSS descartou, de início, como já mencionado, 18 questões irrelevantes. Na análise de correlação entre as variáveis (neste caso, as categorias), procedeu-se a um novo agrupamento e uma redefinição dos elementos constitutivos e seus indicadores. Nesta segunda fase, 7 variáveis (indicadores) foram também descartadas. Assim, das 122 variáveis (indicadores) iniciais, a pesquisa utilizou efetivamente 85. Foi realizado o teste “Reliability Statistics” com as categorias de análise, em que se indica o “Cronbach’s Alpha”, conforme expresso no Quadro 01. Este teste indicou as 7 variáveis

(indicadores) a serem removidas porque o valor do Cronbach's Alpha foi negativo devido à covariância média negativa entre os itens, afetando a condição de confiabilidade do modelo.

Na análise dos dados coletados procurou-se avaliar a confiabilidade das categorias. A maioria delas se ajustou, mas algumas não. Na análise das relações das categorias foi encontrada correlação entre elas e a média delas em relação à área, nível, instituição, meio de transporte, moradia e enquadramento docente. Por fim, na análise chamada Manova, foi realizada uma avaliação de como alguns fatores como instituição, área, sexo, etc. afetam as categorias (cada uma das quatro) e cada um dos elementos constitutivos individualmente. O teste Manova é muito robusto e pouco utilizado no Brasil.

Após a aplicação e análise da pesquisa, foi possível identificar quatro categorias, com seus componentes conceituais (Elementos Constitutivos) e Indicadores. Estatística e teoricamente foram encontradas quatro categorias, conforme consta do Quadro 01. A primeira delas consistiu de 9 Elementos Constitutivos e 36 Indicadores. A segunda Categoria consistiu de 6 Elementos Constitutivos e 27 Indicadores. A terceira Categoria apresentou 6 Elementos Constitutivos e 18 Indicadores e a quarta Categoria mostrou apenas um Elemento Constitutivo com 4 Indicadores. Todos os itens foram avaliadas por meio de escalas *Likert*.

A análise dos dados foi desenvolvida em duas partes. Na primeira delas foi realizada análise fatorial das variáveis de escala, cujo método de extração foi análise dos componentes principais. Avaliou-se a adequação da fatorial por meio dos testes *Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)* e esfericidade de *Bartlett*. Como havia diversos fatores que apresentavam *eigenvalues* maior que 1, optou-se por definir seu número por meio do método *scree plot*, como orientado por Hair et alii (2005) e Field (2005). Com os fatores definidos, submeteu-se os dados novamente à análise fatorial, complementando-a com o método de rotação *Varimax*, objetivando melhorar a interpretação das cargas fatoriais (Hair et al., 2005). Variáveis com cargas fatoriais menores que 0,4 foram excluídas. Após a definição de quais variáveis enquadravam-se em cada fator, avaliou-se a confiabilidade por meio do teste alfa de *Cronbach*, sendo aceita adequada quando o valor fosse maior que 0,7 (Hair et al., 2005). Também foram descartadas 7 variáveis (indicadores) que diminuíam a confiabilidade da escala, conforme mencionado.

Após esses passos, para o presente estudo, que está interessado em analisar que elementos constitutivos influenciam a capacidade e a satisfação com/no trabalho, as variáveis foram avaliadas de acordo com a relevância teórica para o entendimento dos construtos, sendo reagrupadas em alguns casos. Para garantir a confiabilidade dos fatores alterados, foi reavaliada a confiabilidade, também a partir do alfa de *Cronbach*.

2. EROS E THÂNATOS: a luta eterna entre as pulsões de vida e de morte

Em "O Mal-Estar na Civilização", Freud (1988) tenta explicar a história da humanidade como a luta entre os instintos de vida (Eros) e os da morte (Thânatos), argumentando que, ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores (Eros), deveria haver outra pulsão, contrária àquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta ao seu estado primevo e inorgânico (Thânatos). Isso remete à uma dialética na qual a substância da vida contém tanto sua preservação (garantia de seu desenvolvimento) e transformação (pulsão de vida ou Eros), quanto sua conservação (garantia de seu estado letárgico), regressão a estádios anteriores ou mesmo destruição (pulsão de morte ou Thánatos). Os fenômenos da vida, de acordo com Freud, podem ser explicados pela ação de autodestruição concorrente, ou mutuamente oposta, dessas duas pulsões. Desta maneira, a pulsão de

morte pode servir a Eros no momento em que projeta sua agressividade para o mundo exterior. Pode igualmente voltar-se para dentro do sujeito em forma de auto-destruição quando a realidade externa reprime a possibilidade que este tem de descarregar a agressividade. Para Freud, as duas pulsões são difíceis de reconhecer, porquanto se encontram mescladas uma à outra e em proporções variadas, mas são estas as forças constitutivas da condição humana que têm movido e que movem a humanidade ao longo do desenvolvimento de toda a civilização.

Para Freud, não é a luta de classes o motor da história, mas a luta e o conflito incessante destas duas forças poderosas da natureza humanaⁱ. Ao se relacionarem com o “mundo externo”, os sujeitos procuram, dentro de suas possibilidades, domesticar estas forças, controlá-las, de tal forma que o progresso da civilização é impulsionado por esta relação dialética entre Eros e Thânatos. Tal relação dialética é fundada em um complexo e delicado equilíbrio em que a síntese é o sujeito e sua civilização que ele é capaz de construir coletivamente (com outros sujeitos) em um certo momento no tempo histórico.

Aqui emerge uma importante questão. Ao tratar dos enfrentamentos que ocorrem entre os sujeitos (com suas pulsões) e a civilização, Freud lança um problema: qual o mecanismo que a civilização utiliza para inibir a agressividade humana? A agressividade não é, como se sabe, a outra face da acomodação, da covardia, da submissão, mas sua ausência, desde que não implique em violência, é importante para Eros. Freud, ao estudar a história do desenvolvimento do sujeito, identifica um mecanismo eficiente da ação da civilização: a agressividade é introjetada para o interior do sujeito, dirigida para o Ego e enviada de volta para sua fonte, seu lugar de origem. Deste modo o Ego institui o Superego (este censor vigilante que orienta a punição sobre o Ego), estabelecendo-se entre o Ego e o Superego uma tensão, denominada de “sentimento de culpa”. Tanto o Superego como a tensão que ele estabelece com o Ego compõem a consciência do sujeito, de maneira que nada do que ocorre ali consegue escapar de seu conhecimento, a não ser pela negação ou por uma psicopatia grave.

Se o Superego exerce um controle “discreto” quando a situação está normal, quando o sujeito está sob pressão, enfrenta dificuldades, sofre, ou ele busca as causas dentro de si, nos seus “pecados”, buscando a auto-punição, ou ele coloca toda a responsabilidade fora de si, alienando-se da condição de encontrar soluções, de promover enfrentamentos. Em ambos os casos é Thânatos quem fala. Se as condições externas, nas relações de trabalho, são hostis, exercem pressão psicológica, causam sofrimento, o Ego, para se redimir de suas culpas e vergonhas, oferecerá sacrifícios: trabalhar mais, ser mais agradável com os colegas, ter prazer no trabalho, dar a impressão de uma vida feliz para merecer a relação de pertença ao grupo social.

O sentimento de culpa se deve tanto devido à autoridade, à lei, como ao Superego. A primeira exige que os sujeitos renunciem a satisfação das pulsões, porque as mesmas colocam em risco a ordem e a organização social. O segundo não apenas exige a renúncia, mas exige a punição, pois os desejos podem ser proibidos, mas continuam existentes no sujeito movidos pelo que Freud chama de “princípio do prazer”. A persistência do desejo, vigiado pelo Superego, resulta, para Freud, em enfermidades psíquicas severas que prejudicam sua qualidade de vida.

Eros e Thânatos não são duas instâncias autônomas, não são duas faces de uma mesma moeda. São pulsões tensionantes que operam dialeticamente no sujeito, sujeito este que vive também uma tensão entre o Ego e o Superego, chamada sentimento de culpa. Contudo, por mais que a autoridade e o Superego (o sentimento de culpa se deve a ambos), exijam a renúncia da satisfação das pulsões estes continuam existentes, movidos pelo princípio de prazerⁱⁱ (REGO, s.d.).

3. FATORES QUE INTERFEREM NA CAPACIDADE E NA SATISFAÇÃO NO E COM O TRABALHO DOCENTE

O problema que se apresentou neste estudo foi identificar, entre os Elementos Constitutivos das quatro categorias de análise da investigação geral sobre qualidade de vida e saúde física e mental no trabalho entre docentes de programas de mestrado e doutorado em três universidades públicas localizadas no Paraná (UFPR, UEL e UEM), aqueles que influenciavam o Elemento Constitutivo Capacidade de Trabalho e Satisfação no e com o Trabalho. Para tanto, este último Elemento Constitutivo foi considerado, para efeitos de tratamento estatístico, como variável dependente.

As Tabelas 02, 03 e 04 mostram o sumário do modelo, a Manova e o quadro da relação entre as variáveis relativas a este estudo. Como se pode notar, um dos Elementos Constitutivos, Desconforto Psicológico, apresenta uma relação inversa com a variável dependente. Os demais Elementos Constitutivos apresentam relação direta.

Tabela 02: Sumário do Modelo

R	R Square	Adjusted R Square	Std Error of Estimate
0,720	0,519	0,489	0,54168

Tabela 03: MANOVA

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Regression	101,865	20	5,093	17,36	0,000
Residual	94,481	322	0,293		
Total	196,345	342			

Tabela 04: Relação entre Variáveis

Elementos Constitutivos	Coeficientes Não Padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
Desconforto Psicológico	- 0,143	0,055	- 0,176	- 2,584	0,010
Sentimentos Positivos	0,157	0,080	0,148	1,960	0,051
Satisfação com o Desempenho Pessoal e com as Atividades	0,256	0,069	0,260	3,709	0,000
Satisfação com a Vida Sexual	0,074	0,030	0,097	1,029	0,055
Disposição para o Trabalho: vontade e capacidade física	0,125	0,055	0,132	2,286	0,023
Prazer em trabalhar	0,137	0,045	0,152	3,054	0,002

3.1. Capacidade e Satisfação com e no Trabalho

Sobre esta questão, o objetivo da pesquisa era averiguar se o docente sentia-se capaz de trabalhar com satisfação todos os dias, se considerava ser capaz de fazer todas as suas tarefas diárias, se estava satisfeito com a sua capacidade para o trabalho e se esta capacidade, em relação ao passado melhorou. Dois aspectos merecem ser sublinhados. O primeiro é o que mostra que a maior parte dos professores sente-se satisfeito com sua capacidade para o trabalho mesmo que apenas 1/3 não considere que seja capaz de fazer todas as suas tarefas diárias freqüentemente. O segundo ponto diz respeito ao fato de que 2/3 dos docentes admitem que sua capacidade de trabalho melhorou nos últimos anos. Qual seria, diante disto, a adrenalina para a produção? Que elementos impulsionam ou interferem na relação capacidade-satisfação no trabalho.

De saída, era de se supor que parte significativa dos 22 elementos arrolados pudessem indicar uma relação, mas apenas seis elementos (variáveis) apresentaram Sig. Menor que 0,05. Estatisticamente, portanto, são estas relações que se deve examinar. Contudo, para a pesquisa interessa igualmente saber (ou ao menos especular) por que muitos os outros elementos possíveis do ponto de vista das manifestações discursivas não apresentaram as relações esperadas. Retornar-se-á a este tema nas considerações finais.

3.2. Desconforto Psicológico

Desconforto Psíquico é um quadro mórbido característico, de natureza basicamente psíquica em que inexitem causas orgânicas capazes de serem evidenciadas pelos meios usuais de exame médico, que aparece em condições especiais, de trabalho ou de guerra. Apresenta quadro predominante psíquico acompanhado de repercussões orgânicas. A sintomatologia é múltipla e polimorfa com cefaléias, tonturas, anorexia, tremores de extremidades, adinamia, dificuldades de concentração, crises de choroⁱⁱⁱ.

É relevante o incômodo sentido pelos sujeitos com este desconforto, agregando-se ainda a estes dados o fato de que os mesmos relatam um estado de preocupação com a dor ou desconforto psicológico, ou seja, com algo que ainda que não possuam, temem possuir. Aqui, pode-se desenhar um quadro que configura que, na média, a população destes professores permanentes, apresenta sintomas de falta de saúde mental. Estes sintomas ficam ainda mais significativos se aliados ao sentimento subjetivo de tristeza ou depressão que acomete os sujeitos. Convém chamar a atenção para a existência da chamada tristeza/depressão difusa de funcionalidade, isto é, aquela na qual o sujeito sofre, mas “continua funcionando”, continua executando seu trabalho ou realizando mais do que dele se espera.

O desconforto psicológico interfere inversamente sobre a capacidade e a satisfação no e com o trabalho. Isto significa que quanto maior (ou menor) é o desconforto psicológico que os docentes manifestam, menor (ou maior) é a capacidade de trabalho e a satisfação no e com o trabalho. O desconforto psíquico foi avaliado em termos de preocupação com a dor psicológica e as formas de convivência com a mesma, avaliação do nível de preocupação em geral, da relação entre os sentimentos de tristeza e depressão nas atividades cotidianas e o quanto estes sentimentos têm incomodado os entrevistados em geral e, por fim, pela freqüência com que os entrevistados têm sentimentos negativos, tais como mau humor, desespero, ansiedade e depressão.

3.3. Sentimentos Positivos

Sentimentos positivos são aqueles estados e configurações afetivas estáveis, geralmente associadas a conteúdos intelectuais, valores e representações, que podem ser experimentados e que têm a propriedade de excitar e motivar o indivíduo (DALGALARRONDO, 2000). A pesquisa indicou que quanto maior (ou

menor) os sentimentos positivos dos sujeitos, maior (ou menor) sua capacidade e satisfação no e com o trabalho.

Esta relação foi medida a partir do julgamento de como os docentes têm aproveitado a vida, de quão otimista têm se sentido em relação ao futuro, de quanto têm deixado de experimentar sentimentos positivos em suas vidas, de quanto têm deixado de se valorizar, do grau de confiança que têm tido em si mesmos, de quanto têm aproveitado o tempo livre, de quanto têm sido capazes de relaxar e curtir a si mesmos e se eles, em geral, têm se sentido contentes.

3.4. Satisfação com o Desempenho Individual e com as Atividades

Satisfação está relacionada ao desenvolvimento atitudes em relação ao trabalho ou às pessoas. A importância do conceito de satisfação como desenvolvimento de atitudes refere-se a diversas dimensões e aspectos que devem ser apreendidos em conexão com a percepção dos sujeitos relativamente às relações com seus afazeres e outros sujeitos. Nesta pesquisa entende-se por satisfação a percepção e a avaliação que os entrevistados possuem sobre dimensões referentes ao desempenho pessoal e com as atividades.

A pesquisa estava interessada em saber o grau de satisfação dos docentes com sua capacidade de aprender e usar novas informações; com as suas oportunidades de aprender coisas novas, de estudar; com a sua atuação acadêmica; e com o tipo de tarefa que tem de fazer em geral. Os resultados mostraram que quanto mais (ou menos) satisfeitos com o desempenho individual e com a realização de suas atividades, mais (ou menos) capazes e satisfeitos no e com o trabalho os docentes se sentiam.

A maioria dos sujeitos entrevistados sente-se satisfeita com sua qualidade de vida e com a vida propriamente dita^{iv}. No âmbito das tarefas que têm que realizar (ministrar aulas, orientar, pesquisar, escrever, participar de reuniões, etc.), também há uma demonstração de satisfação. Novamente aqui, considerando o grau de sintomas físicos/psíquicos manifestados, não há coerência entre o que o organismo sofre e o quão satisfeitas estão as pessoas. Há um estoicismo^v ou uma negação que subjaz ao processo de dor e sofrimento de tal sorte que este se mantém naturalizado ou, como na linguagem do estresse, crônico. Seria este estoicismo uma decorrência, inevitável, do que ainda resta no imaginário dos professores do mito do sacerdócio da profissão?^{vi} Ou talvez se pudesse dizer que a ação do Superego, aqui, age de forma mais incisiva, fazendo com que o “escravo prescindia do feitor”?

3.5. Satisfação com a Vida Sexual

Pode-se conceituar vida sexual saudável quando a qualidade, a quantidade e a característica da atividade sexual satisfaz quem dela participa, sendo objeto de atenção terapêutica apenas quando proporciona insatisfação, sofrimento ou frustração, no momento do ato, antes e depois (BALONE et alii, 2007).

O comportamento sexual constitui uma função humana básica e é parte fundamental da vida. Envolve fatores físicos, psicológicos e emocionais, afeta o bem-estar geral e a qualidade de vida dos indivíduos. Quando a vida sexual é considerada satisfatória confere prazer, contentamento e intimidade emocional. Vários estudos têm demonstrado uma correlação entre as disfunções sexuais e uma piora da qualidade de vida em indivíduos com uma variedade de problemas (físicos emocionais e sociais). (ARRINGTON; COFRANCESCO: WU, 2004). Para esta pesquisa procurou-se saber o grau de satisfação dos entrevistados com a sua vida sexual e sua avaliação qualitativa sobre sua vida sexual.

A pesquisa mostrou que quanto mais (ou menos) satisfeitos com a vida sexual, mais (ou menos) os docentes se sentem capacitados para o trabalho e satisfeitos com e no trabalho.

3.6. Disposição para o Trabalho: vontade e capacidade física

Neste ítem interessava investigar se os docentes entendiam que possuíam energia suficiente para suas tarefas diárias. Energia entendida aqui enquanto disposição, ânimo, entusiasmo. Também se pretendia saber com que frequência os docentes acordavam dispostos e com vontade de trabalhar e em que medida os mesmos sentiam que eram capazes de desempenhar suas atividades diárias.

Os dados relativos a estes elementos constitutivos, apontam para um significativo desenho do estoicismo hercúleo. Assim, ainda que cerca de 1/3 dos professores tenha energia suficiente para as tarefas de seu dia-a-dia, que acorde dispostos para o dia-a-dia, nenhum professor afirmou ser capaz de desempenhar totalmente suas atividades diárias. O excesso de demanda de trabalho não parece retirar da maioria dos sujeitos sua energia e desejo. Entretanto, os preços pagos por este déficit entre o que é possível e o que é demandado não parece ser observado como real. Esta negação pode estar no que a Professora Denise Leite chama de “mercantilização e redesenho das universidades impostos pelo capital”.^{vii}

A pesquisa mostrou que quanto mais (ou menos) disposição para o trabalho, quanto mais (ou menos) os docentes se sentiam capazes e entusiasmados, maior (ou menor) sua capacidade e sua satisfação com e no trabalho.

3.7. Prazer em Trabalhar

O prazer em trabalhar foi avaliado pelo entusiasmo que as aulas nos cursos de graduação ainda davam ao docente comparativamente ao passado e pela interferência positiva que a necessidade de cumprir prazos e quantidades tinha no prazer em trabalhar. Também neste caso, quanto maior (ou menor) era o prazer em trabalhar com os cursos de graduação em relação ao passado e quanto mais (ou menos) positiva a necessidade de cumprir prazos e produzir “quantidades”, menos (ou maior) e menos (mais) era a capacidade de trabalho e a satisfação com e no trabalho.

Um dado significativo é de que a maior parte dos professores continuam tendo prazer em ministrar aulas na graduação hoje como no passado. Ao mesmo tempo, cerca de 2/3 dos docentes concorda com o fato de que ter que cumprir prazos e quantidades têm interferido positivamente no prazer de trabalhar: a “adrenalina” da produção parece funcionar como motor da produtividade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: a Síndrome do Estoicismo Hercúleo

De acordo com Bianchetti e Machado (2007, p. 12), as análises acerca da situação da saúde dos professores de pós-graduação empreendidas nos últimos anos realizadas por De Meis et alii (2003) e por Louzada et alii (2005 a e b), as quais foram reproduzidas nas entrevistas constantes da pesquisa geral que deu origem a este estudo, emitem vozes uníssonas ao considerar o quadro alarmante vivido pelos docentes da Pós-graduação, resultado imediato das pressões para produzir: publicar em revistas Qualis, enviar trabalhos para congressos, gerenciar programas e projetos de pesquisa, orientar, dar parecer em trabalhos (para congressos e revistas) e em projetos, realizar pesquisas (reuniões do grupo de pesquisa, coleta e tratamento de dados, relatórios), participar de bancas, dar aulas na graduação e na pós-graduação, participar de colegiados e conselhos, entre outras atividades. Como resultado, há cada vez mais docentes estressados e melancólicos na Pós-Graduação (WATERS, 2006), sofrendo de depressão e insônia (LOUZADA e SILVA FILHO, 2005).

Estes resultados tendem a ser mais evidentes e intensos em épocas de grande exigência, em tempos de cobrança. Em épocas de calma, em tempos de paz, os resultados (estresse e melancolia) continuam a ocorrer, porém, como sugere Enriquez (2007), de forma asséptica, como se os aspectos “demoníacos” pudessem se esconder

sob o mito da instauração da satisfação e do prazer. Os dados são evidentes ao mostrarem as condições materiais e de segurança destes docentes e a sua vida familiar: 62,4% são casados e com filhos; 85,3% possuem moradia própria; 91,8% utilizam o próprio veículo como meio de transporte para se deslocarem ao local de trabalho. Não é deste campo que poderia vir o estresse e a melancolia ou a satisfação e a alegria.

De fato, ao enfatizar a busca pelo prazer, a satisfação, como elemento influente na capacidade de trabalho e no fato do sujeito demonstrar contentamento com o trabalho e aprazimento no trabalho indica que os sujeitos são estimulados também por pulsões e não apenas por interesses racionais, que são movidos por objetos do desejo e não apenas por formalidades técnicas da vida organizacional. A questão aqui colocada é que o empenho dos docentes pela produtividade, com seus efeitos sobre sua saúde física e mental, não está relacionada somente ao cumprimento de metas formais, mas igualmente ao alcance de objetos de prazer. Isto significa que é necessário buscar também na dimensão psicológica os elementos necessários para compreender as relações de trabalho. Como sugere Enriquez (2007. pp. 7-8), os mecanismos de identificação, a função de inclusão-exclusão dos sujeitos dos grupos, as relações afetivas como paradigmas da alteridade, as relações mortíferas de fascinação-sedução-manipulação, entram no jogo coletivo da “construção do tecido social”

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa trazem para o debate um dado novo: a não valorização/reconhecimento da importância para a saúde física e mental dos mecanismos de fuga, dos esconderijos, ao mesmo tempo em que parecem resignar-se à desvalorização salarial e à falta de tempo para o lazer que apontam para uma “naturalização” do quadro de estresse crônico que isoladamente referem mediante a descrição de seus sintomas clínicos. Entretanto, nenhum destes fatores foi apontado como relevante na capacidade e satisfação no e com o trabalho. O sujeito de quem se fala, este ser adaptável às situações, é apresentado como um sujeito “capaz de ultrapassar seus limites, de ter formas de ‘comunicação afirmativa’, de ser obcecado pela ‘excelência’ e que deve, portanto, conformar-se à nova ideologia” [...] a ideologia do ‘matador cool’, aquela do ganhador, do lutador, livre das promessas, dos sonhos e dos questionamentos” (ENRIQUEZ, 2001. p. 174).

Como foi possível mensurar, entre os docentes que participaram da pesquisa a média ponderada dos que admitem preocupação com sintomas de saúde física e psíquica^{viii} foi de 3,5 na Escala Likert. O que leva professores doutores, pessoas bem informadas e formadas, a desvalorizar os sinais de que algo não vai bem com sua saúde? O que faz com que os docentes, não obstante reconheçam o excesso de trabalho, a perda do poder aquisitivo de seus salários, o desconforto psíquico, ao mesmo tempo não dêem aos mesmos a devida importância, agindo em uma forma de “estoicismo hercúleo”.

Em termos gerais, pode-se dizer que o desconforto psicológico, os sentimentos não positivos, a insatisfação com o desempenho pessoal e as atividades, a insatisfação com a vida sexual, a indisposição para o trabalho e o desprazer em trabalhar resultam em menor capacidade de trabalho e maior insatisfação com e no trabalho. A equação inversa é verdadeira. A conclusão, neste caso, parece simples e direta. Porém, este estudo levanta duas outras questões de pesquisa igualmente problemáticas. A primeira diz respeito a por que outros elementos que aparecem nos relatórios, nas queixas, nas reuniões, nos jornais sindicais, nos debates, nas reuniões, enfim, nos discursos, não aparecem na pesquisa? As análises, dada a constituição histórica desta identidade profissional em particular, permite lançar a hipótese de que existe um componente estóico fortemente entranhado nesta categoria profissional que obtém ganhos secundários do sacrifício de toda ordem em nome do ensinar-produzir. Cabe, a partir dos dados obtidos, confirmar ou não esta hipótese.

A segunda diz respeito à dialética da ação, à práxis. O que a pesquisa sugere é que os sujeitos cujo discurso contém Eros, pulsão de vida, escondem-se na prática de Thânatos, da pulsão de morte. Em Eros falante encontra-se Thânatos agindo. Não é possível, para o pesquisador, compreender de forma imediata a estrutura do objeto que examina a partir de mera reflexão, senão mediante uma determinada atividade. Para se desvendar o objeto é preciso a atividade mediante a qual ela é compreendida, pois é a criação desta atividade que estabelece o acesso ao objeto (KOSIK, 2007. p. 28). É necessário ir além da aparência fenomênica.

Ao penetrar na atividade, na estrutura da coisa em si, descobre-se que existe um tipo de auto-hetero valorização relativamente àqueles que suplantam os próprios limites, custe o que custar; como também, certa “alergia” à fragilidade. Como fatores facilitadores para a implementação e manutenção deste estoicismo hercúleo, ou para melhor exercitá-lo, pode-se listar os seguintes: (i) a resignação, que encurta o desejo e aceita o lugar de quem merece menos e deve mais; (ii) as relações pessoais, notadamente amigos e família, nesta ordem, que conferem segurança e conforto emocional; (iii) a crença, que assegura a base do sentido da vida; (iv) o conforto material, representado pela casa e pelo carro próprio e, (v) uma “dose de adrenalina” que parece funcionar, concomitantemente, como energético e como recompensa.

A Neurose da Produtividade Docente gerou a Síndrome do Estoicismo Hercúleo. Como corolários desta síndrome, dois merecem destaque, sendo um de caráter coletivo e outro de caráter individual. O primeiro refere-se à falta de indignação dos docentes com relação ao aviltamento salarial que tem sido imposto aos mesmos, seja pela ausência de correção das perdas inflacionárias ou de aumento real, seja pelo pagamento de gratificações não assimiladas ao salário e passíveis de serem usurpadas a qualquer momento pelo governo de ocasião. O segundo é o do espaço criado para albergar internamente, sem consciência disto e, com certo prazer, um feitor portátil que, sob a máscara de Eros, esconde Thânatos.

Assim, o trabalho passa, homeopaticamente, de meio de vida para meio de morte, isto sem tirar a alegria de viver do paciente. Tal qual o desejo de consumo, o desejo de produzir é engolido e já não há necessidade da cobrança ser apenas de fora para dentro, visto que a saúde dos sujeitos e a relação com seus familiares pagam, sem o saber, o preço da manutenção do capitalismo acadêmico.^{ix}

O que se esconde detrás das diferenças entre os discursos e as atitudes são mais do que paradoxos. O objeto do desejo inclui as relações de pertença, o desejo de reconhecimento e o reconhecimento do desejo (ENRIQUEZ, 1997. p. 17), o que somente vai se materializar nos grupos. Os grupos docentes, por sua vez, participam de um mesmo totem para poder existir: o totem da produtividade acadêmica. Para que os docentes existam é necessário que participem do grupo, não como um amálgama de seres sem identidade, mas que constituem sua identidade no grupo. Sem a participação os sujeitos não existem, pois ela é condição da existência humana. Como sugere Enriquez (1986), “existir é participar de uma força, de uma essência, de uma realidade mística”.

Em torno dos grupos, das relações de pertença e do reconhecimento, nasce o vínculo e, com ele, o mito. Assim os papéis sociais que os sujeitos assumem se definem e são responsáveis por manter as emoções, os sentimentos e as racionalidades em consonância necessária com o *status quo* (FARIA, 2004). O mito, então, apresenta-se em suas duas dimensões que se relacionam intimamente: a individual e a coletiva. Tanto os sujeitos quanto os grupos acreditam e precisam acreditar na narrativa mítica, porque é ela que “explica” tanto os “fantasmas individuais, quanto os temores e os desejos coletivos” (Enriquez, 1997. p. 44).

Por seu turno, o reconhecimento que a organização (no caso, a universidade) oferece aos seus “bons trabalhadores” é valorizado imensamente, a tal ponto que o indivíduo “renuncia à identidade social de origem para melhor aderir ao modelo de personalidade polimorfa e universal proposta” por ela (Pagès et alii., 1993. p. 110). A identidade do indivíduo mistura-se com a da organização e este passa a se referenciar somente através dela, assume as suas feições, pois passa a se comportar, a pensar e se relacionar de acordo com os padrões e as estruturas estabelecidas por ela. Mas este vínculo e esta doação, baseados em um projeto social comum entre os sujeitos e a organização, não é senão uma construção ideológica, que se propõe a apresentar aos sujeitos uma certeza e não uma verdade a ser descoberta.

Iniciou-se este estudo com a preocupação denominada de Neurose da Produtividade Docente e conclui-se com uma preocupação maior, visto que esta Neurose, internalizada de forma inconsciente e impermeável à crítica, transforma-se no que aqui se denomina de Síndrome de Estoicismo Hercúleo^x.

Tal síndrome é retratada na defesa deste processo feita por Moura Castro^{xi}, para quem “até mesmo os incentivos financeiros podem estar presentes no ensino público. Em menos de meio século o Brasil saiu de uma produção científica próxima de zero e tornou-se hoje o 15º. Maior “fabricante” de ciência. Sua pós-graduação passou a produzir anualmente quase 10.000 doutores e 40.000 mestres, uma das maiores colheitas do globo. O segredo? Prêmio ou puxão de orelha acoplados a uma avaliação para decidir quem ganha qual. (...). Quem brilha ganha mais. Quem tropeça perde”. Produzir mais com menor salário real; maiores atribuições com menores condições. Tal é a competição do capitalismo acadêmico, o qual é, para Moura Castro, um “quase-mercado’ criado com inteligência” e que deve servir de exemplo “para o restante da educação”.

BIBLIOGRAFIA

- ARRINGTON; COFRANCESCO; WU. Questionnaires to measure sexual quality of life. *Quality of Life Research* 13: 1643–1658, 2004).
- BACHELARD, Gaston. A Epistemologia. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAÍA HORTA, S. Avaliação da Pós-Graduação: com a palavra os Coordenadores de Programas. *Perspectiva*, Florianópolis, NUP/Editora da UFSC, v.24, n1, p.19-48, jan/jun.2006.
- BALONE, G. J.; ORTOLANI, V.; PEREIRA NETO, E. Da Emoção à lesão. São Paulo: Editora Manole, 2007
- BIANCHETTI, L. e MACHADO, A. M. N. Reféns da Produtividade. Caxambu, ANPED, 2007.
- CODO, W. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- De MEIS, L et al. The Growing Competition in Brazil Science: Rites of Passage, Stress and Burnout. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, Sep.2003, vol.36, n.9, p.1135-1141. Disponível em www.scielo.br/bjmb. Acessado em: 02 de abril de 2008.
- DELGADO, J.O. Neoliberalismo y capitalismo académico. Antigua, Guatemala, 01 a 03 de março de 2006. Disponível em: www.flacso.edu.gt/docs/educacion/ponenciaseducaclacso/JaimeOrnelasDelgadoMex.pdf
- ENRIQUEZ, Eugène. Da Horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- _____. Organização em Análise. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Interioridade e Organizações. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C. Orgs. Gestão com Pessoas e Subjetividade. São Paulo: Atlas, 2001.
- _____. As figuras do Poder. São Paulo: Via Lettera, 2007.
- FARIA, José Henrique de. Economia Política do Poder. Curitiba: Juruá, 2004. Vol. 3.
- FIELD, A. Discovering Statistics Using SPSS. 2nd. Ed. London: Sage, 2005.
- FREUD, S. O mal estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- HAIR, J. F.; ANDERSON, R.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. C. Análise Multivariada de Dados. 5ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KUENZER, A.Z. e MORAES, M.C. Temas e Tramas na pós-graduação em educação. Educação e Sociedade., Campinas, v.26, n.93, p.1341-1363, set./dez. 2005.
- LIPP, Marilda. O Stress do Professor de Pós-Graduação in LIPP, Marilda. O Stress do Professor. (org.). Campinas: Papyrus, 2007, 5ª ed.
- LOUZADA, R. de C.R. e SILVA FILHO, J.F.da. Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.1-17, mai/ago. 2005 a.
- _____. Formação do pesquisador e sofrimento mental : um estudo de caso. Psicologia em Estudo. Maringá, UEM, v.10, n.3, p.1-17, 2005b.
- MARCHELLI, P.S. Formação de doutores no Brasil e no mundo: algumas comparações. Revista Brasileira de Pós-graduação, Brasília, CAPES, v.2,n.3,p.7-29,mar.2005.
- MARZIALE, Maria Helena Palucci; ROZESTRATEN, Reinier Johanus Antonius. Turnos alternantes: fadigas mental de enfermagem. Rev. Latino-am. enfermagem – Ribeirão Preto – v. 3 – n. 1 – p. 59-78 – janeiro 1995.
- VIANNA, C. A Produção Acadêmica sobre organização docente: ação coletiva e relações de gênero. Campinas: Educação & Sociedade, vol.22, n.77, 2001.
- WATERS, L. Inimigos da esperança. Publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- REGO, J. Textos de Ciência Política. Hobbes e Freud. In: <http://www.fundaj.gov.br/docs/inpsoc/polit>. (s/d)

ⁱ Quando Freud utiliza estes conceitos para além do sujeito, colocando-o no domínio da cultura e da civilização, ele lança uma hipótese especulativa que coloca em risco a própria obra. Quando Freud invade o campo social, cenário privilegiado destas duas pulsões, a fantasia nascida da especulação torna-se um “princípio ordenador da gênese, do funcionamento e da destruição da civilização”. (ENRIQUEZ, 1996. pp. 98-99).

ⁱⁱ Sobre este assunto, consultar o interessante texto de Rego (s/d).

ⁱⁱⁱ Ver, sobre este assunto, o [WHOLIS - Sistema de Informação da Biblioteca da OMS](#).

^{iv} Importante ressaltar que há um número importante de professores que por várias respostas denotam um quadro de depressão que mereceria ser investigado.

^v Aqui o termo é utilizado em seu sentido de impossibilidade em face da dor ou do infortúnio, conforme Aurélio Século XXI.

^{vi} A vocação para a abnegação e a dedicação quase heróica relatada na literatura como uma consequência da valorização social atribuída à profissão de professor no passado, fazia com que o ser professor trouxesse à tona, segundo Codo (1999), uma identidade carregada de orgulho profissional. A profissão docente gozava de amplo prestígio social. Daí que a questão das condições de trabalho era praticamente um aspecto relegado a um segundo plano.

^{vii} Trata-se de uma manifestação em caráter informal, realizada em 2008 para os pesquisadores.

^{viii} A taxa de morbidade psiquiátrica (todos os transtornos psiquiátricos juntos) na população geral brasileira varia de 19% (São Paulo) à 34% (Porto Alegre), detectada no único estudo multicêntrico com essa finalidade.

^{ix} A expressão “ Precisamos alimentar a voracidade de nosso Lattes” proferida, ironicamente, pela Profa. Dra. Maria Isabel Bujes, 2008, em conversa informal, pareceu muito pertinente.

^x O que tomamos aqui emprestado da figura do herói grego, posteriormente adorado como Deus, Hércules, é não apenas o fato de ter enfrentado dificuldades imensas para cumprir seus 12 Trabalhos, mas também o fato de que no mito ele vence a morte, paradoxalmente causada por Dejanira, sua esposa, que ofereceu-lhe um manto impregnado de sangue mortal que ela acreditava ser o filtro do amor. Morto, portanto, por Thânatos disfarçado de Eros, ainda assim tendo seu corpo transportado ao Olímpo, Hércules renasce e casa-se com a deusa da juventude, Hebe.

^{xi} Conforme: CASTRO, Claudio Moura. Educação não é mercadoria. São Paulo: Veja, Edição 2055, ano 41, no. 14, 9 de abril de 2008, p. 20. (Grifo nosso)